

APRESENTAÇÃO

Os artigos publicados neste novo número da revista *Perspectiva Filosófica* tratam de temas variados, mas podem ser agrupados em torno de dois eixos temáticos: a fenomenologia e a filosofia da mente. Os dois primeiros textos dialogam com a tradição fenomenológica, na figura de um de seus grandes expoentes, Hans-Georg Gadamer (1900-2002), e do eminente pensador pernambucano Evaldo Coutinho (1911-2007). Já os três últimos trabalhos discutem questões da filosofia da mente e da psicologia, abordando a concepção dos fenômenos psíquicos de Ludwig Wittgenstein (1989-1951), e a proposta de solução de John R. Searle (1932-) para o problema mente-corpo.

Em seu artigo, Gilfranco Lucena procura discutir o caráter temporâneo do espaço arquitetônico na obra de Coutinho, mais exatamente em seu livro *O espaço da arquitetura* (publicado originalmente em 1970). O caráter temporâneo do espaço arquitetônico, de acordo com Lucena, decorre da sua capacidade de, em referência a alguém que o habita, resguardar um tempo, entre a temporalidade do maciço, passível de desgaste, e a intemporalidade do espaço vazio, imune à corrosão temporal. Lucena defende que a concepção filosófica do espaço arquitetônico oferecida por Coutinho traz uma grande contribuição para a nossa compreensão da história e de nossas possibilidades de acesso artístico a ela.

Abordando a Hermenêutica Filosófica de Gadamer, uma das mais influentes concepções filosóficas ao longo do século XX, Marcos Fanton e Emanuel Zeifert se propõem a realizar uma avaliação crítica, primeiramente através de uma reconstrução argumentativa das principais teses do livro *Verdade e método* (publicado pela primeira vez em 1960), e em seguida tecendo objeções ao programa da Hermenêutica Filosófica, com base em imprecisões nela encontradas e em uma possível auto-contradição. Os autores defendem a tese de que todas essas dificuldades da concepção de Gadamer decorrem de uma confusão entre diferentes dimensões teóricas da linguagem, cuja diferença Gadamer teria falhado em perceber.

Passando ao terreno da Filosofia da Psicologia temos, primeiramente, o artigo de Marcus de Souza, que se propõe a expor alguns elementos conceituais e metodológicos da concepção de mente elaborada por Wittgenstein. Sem pretender sugerir que o autor das *Investigações filosóficas* tenha tentado elaborar uma taxonomia dos conceitos mentais, o que seria incompatível com sua proposta de perceber os conceitos por semelhanças de família, Souza se debruça sobre os parágrafos § 63 e § 148 das *Observações sobre a filosofia da psicologia*

(Segundo volume), na tentativa de extrair alguns dos parâmetros gramaticais empregados por Wittgenstein na elucidação dos conceitos psicológicos. O autor defende que a exposição desses padrões tem um valor indireto, que é o de mostrar que Wittgenstein se valeu de tais parâmetros para construir uma conceituação mais clara sobre nossas práticas linguísticas em relação ao mental.

Em seguida, temos um artigo de minha autoria, que examina a concepção de John Searle sobre a relação entre mente e cérebro, o “Naturalismo biológico”, questionando, justamente, se essa concepção merece, de fato, ser considerada naturalista. Apesar de sua enfática adesão ao naturalismo, no sentido de uma reflexão filosófica pautada pelos resultados das *ciências naturais*, Searle insiste na subjetividade ontológica dos fenômenos mentais (que seriam, portanto, irreduzíveis a fenômenos objetivos), e baseia sua crença em tal subjetividade nos indícios de nossa experiência consciente, captados intuitivamente em nossas vivências. O problema é que a concepção *causal* de explanação da consciência oferecida por Searle é muito fraca, incapaz de, propriamente falando, explicar o vínculo entre processos cerebrais e fenômenos mentais. Assim, a subjetividade ontológica não consegue ser integrada em uma esquema explanatório cientificamente aceitável. Isso não é razão para descartar o Naturalismo biológico completamente, mas mostra que essa teoria precisaria ser aprofundada e aprimorada.

Finalmente, temos a tradução de um texto do Professor Jaegwon Kim (1934-), um dos mais importantes filósofos da mente na atualidade, que com gentileza e prontidão autorizou a publicação dessa tradução (feita por João Paulo de Araújo) pela *Perspectiva filosófica*. Nesse trabalho, Kim examina a proposta de solução para o problema mente-corpo elaborada por John Searle, discutindo as dificuldades dessa proposta diante do velho problema da causalidade mental. Entre outras coisas, Kim afirma que, diante da adesão de Searle a um modelo ontológico estratificado¹, é um mistério porque ele alega que todo o debate mente-corpo está enredado na ontologia dualista de Descartes, já que o modelo estratificado (adversário do modelo dualista) é amplamente discutido na atualidade. Porém, ainda mais problemático é o fato de Searle defender uma estranha concepção *causal* da superveniência de propriedades mentais em relação a propriedades físicas, já que a noção de causalidade parece completamente inadequada para esse tipo de relação entre propriedades. De acordo com Kim, a maneira como Searle emprega o conceito de causalidade enreda sua teoria com o problema da sobredeterminação causal, ou seja,

¹ Para uma discussão mais aprofundada desse modelo, cf. Prata, T. A. “O modelo ontológico estratificado no Naturalismo Biológico de John Searle: uma controvérsia com Jaegwon Kim”. *Discusiones Filosóficas*. Ano 13, No 21, Julio-Diciembre, pp. 119-37, 2012.

compromete sua teoria com a consequência de que certos fenômenos mentais possuem duas causas suficientes distintas, o que é inaceitável. Essas diversas dificuldades mostrariam que a proposta de Searle não consegue solucionar o problema mente-corpo.

Tárik de Athayde Prata